



Memória, jornalismo e biografia: a reconstrução de identidades em narrativas biográficas¹

Licia Oliveira Souza²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este estudo pretende analisar como a união entre jornalismo e o conceito de memória são inerentes à construção do discurso biográfico. Outro ponto importante são os conceitos de identidade e a suas possíveis reconstruções através das lembranças. Para exemplificar esse estudo serão feitas algumas considerações sobre uma biografia contemporânea, que conta a história da cantora e atriz Carmen Miranda, uma das mais famosas brasileiras do século XX. A obra em questão é *Carmen, uma biografia*, escrita por Ruy Castro.

Palavras-chave: Jornalismo; Memória; Identidade; Biografia

Introdução

Este estudo pretende abordar como a biografia, sendo uma reconstrução de trajetória de vida, se ampara nas relações de jornalismo e memória e como o fazer biográfico nos traz à tona tempos passados. Esta é uma das bases na qual o biógrafo pode se apoiar a partir da reconstrução de fatos para se chegar à reconstrução de identidades. A memória e o jornalismo possuem uma estreita relação já que o fazer jornalístico proporciona a lembrança através dos acontecimentos que são notícias.

Na produção biográfica, são os vários fatos que compõem a vida do biografado que serão buscados pela apuração jornalística. E é a reunião desses fatos apurados que dará origem a biografia de alguém especificamente. No entanto, a forma como se narra esta história é um grande diferencial para especificar quais são as biografias que tem cunho jornalístico.

Recorrer à memória, atualmente, pode ser uma tentativa para encontrar estabilidade diante das mudanças e da reordenação espacial e temporal do mundo. E por isso, torna-se necessário lembrar que a própria memória pode se espetacularizar e tornar-se objeto de consumo. A construção biográfica, nesse contexto, pode ser entendida como um produto importante para essa dinâmica do mundo contemporâneo. Principalmente, porque sua articulação com diferentes mídias, tanto na forma biográfica

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (Dez/2008), MG. E-mail: liciaoliveira13@yahoo.com.br



escrita ou audiovisual, e até mesmo na internet, torna-a crucial para a atribuição de sentido e significado à “realidade” num mundo marcado pela dispersão, efemeridade e pluralidade.

A curiosidade que esse tipo de material pode despertar, tem um pouco de interesse pela vida em geral, mas por outro lado, como lembram Rondelli e Herschmann, satisfaz um certo sentido de continuidade do tempo, de identificação com antepassados e de fazer com que a experiência do presente se inspire na vida de outros, anteriores ou contemporâneos, criando laços de continuidade e resgatando um pouco a coletividade (2000, p.202).

Os caminhos que unem memória, biografia e jornalismo

A memória pode ser definida como “a designação do passado como presença viva e ativa dos sujeitos que produzem discurso e é um processo complexo que articula recordações e esquecimentos” (BARBOSA, 2001, p.106). É uma reconstrução seletiva, que não atinge todos os campos das ações e percepções, através dos quais se delinea, se simboliza e se classifica o mundo. Para Marialva Barbosa a memória não preserva o passado e sim o adapta para enriquecer e manipular o presente, e por isso mesmo é sempre uma ação que se desenvolve no presente. São escolhas entre lembranças e esquecimentos, já que só é possível recordar quando é possível esquecer.

Em vários estudos sobre a memória, foi observada a multiplicação de práticas voltadas para o passado e um grande interesse pelo memorável na contemporaneidade. Alguns exemplos geralmente citados são a restauração de centros urbanos, a moda retrô, o sucesso de narrativas históricas e da literatura memorialista, a multiplicação dos espaços de comemoração, crescimento de documentários no cinema e na televisão e que podem ser considerados exemplos de cultura da memória. Assim como o processo de arquivamento, já que com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação, é possível arquivar praticamente tudo.

Os meios de comunicação e os jornalistas seriam, para Marialva Barbosa, responsáveis por fazer memória, já que a mídia retém assuntos que, se tiverem identificação com o leitor, são sempre atualizados. “Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produzem, a partir de critérios altamente subjetivos,



uma espécie de classificação do mundo para o leitor” (2008, p.1). A mídia, por ser considerada como uma portadora de um discurso válido que pode ser transformado em documento, transforma os jornalistas em “senhores da memória” da sociedade.

Não é que os meios de comunicação sejam os únicos, mas “são os principais atores na realização de um enquadramento sobre o passado das coletividades” (RIBEIRO E BRASILIENSE, 2006, p.4). É através deles que se realiza a operação da memória sob os acontecimentos e as interpretações do passado que se quer proteger. E as notícias são, do ponto de vista jornalístico, diferentes da história. No entanto, ambas são, em essência, relatos mediados pela subjetividade e pela interpretação do narrador.

Ao recordar um número limitado de acontecimentos, ao dar preferência a uns e esquecer outros, mas principalmente ao manter um mesmo fio condutor, percebe-se que os relatos individuais são instrumentos de reconstrução de identidades e não somente relatos factuais. “O jornalista escolhe os elementos do seu relato, mesmo quando pretende que nada lhe escape” (BARBOSA, 2008, p.2). Os acontecimentos que foram registrados serão sempre um subconjunto do que realmente se passou. Assim, os meios de comunicação registram, de preferência, fatos que os jornalistas estão convencidos de terem visto ou compreendido e decompõem o tempo vivido em uma seqüência de unidades individualizadas. E não possibilita a existência daquilo que realmente aconteceu, na medida em que é possível apenas fazer reconstruções.

É necessário considerar, além disso, que a narrativa do acontecimento não é somente uma descrição simples das mudanças percebidas. “O jornalista confere a ele uma significação a aquilo que disse, mesmo quando não existe um propósito deliberado nele” (BARBOSA, 2001, p.110). Assim, na sua narrativa, o biógrafo pode apresentar ao leitor várias facetas daquele mesmo ser ao longo de toda sua narração. Afinal, “[...] o objeto de estudo não é o estudo; o sujeito compreendido pelo biógrafo não é o sujeito; a interpretação de uma obra não é a obra e muito menos a arte” (VILAS BOAS, 2006, p.27).

No entanto, muitos costumam pensar que a biografia possui a verdade absoluta sobre o biografado. É um ponto de vista que pode partir tanto dos biógrafos, dos leitores especializados e dos comuns. Mas reconstruir uma vida em sua totalidade através de uma mediação é uma situação que nem mesmo a cronologia, a personalidade e as ações do biografado podem tornar possível. “Entretanto, há uma certa tradição



biográfica estabelecida, um modelo tácito que opera com uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem dúvida” (VILAS BOAS, 2006, p.126).

Assim torna-se pertinente refletir sobre a questão da verdade como sinônimo de objetividade. Esta última sempre é buscada pelos jornalistas ao fazerem o seu trabalho, como condição de (re)conhecimento, ou seja, como um ritual estratégico: “porém, não há como pensar a linguagem jornalística tão-somente sob uma rígida perspectiva do contexto factual no qual ela processa [...], não se constitui da palavra objetiva, [...], de universos sógnicos que, *ad infinitum*, representam e significam” (RESENDE, 2002, p.75).

Já o tempo em que se processa a narrativa pode ir e vir desde que o biógrafo deixe clara o que está fazendo para os leitores. Ou seja, o biógrafo como narrador pode se movimentar no tempo de sua narrativa. “O que não pode é relatar eventos do futuro da vida do biografado sem que, no tempo da narrativa biográfica, tais acontecimentos estejam compreensíveis para o leitor” (VILAS BOAS, 2002, p.131). Mas, geralmente, a maioria das biografias ainda é construída em ordem cronológica convencional.

Quando a narrativa ganha movimento, a cronologia da biografia, então, pode tender a encaminhar-se mais para o modo como o biógrafo experimenta o tempo do que para o modo como o biografado o experimentou (exceto se ele/ela estiver vivo durante a pesquisa ou se o biógrafo conheceu pessoalmente o biografado) e também tenta encontrar um equilíbrio entre as fontes documentais e as lembranças. A trama funciona não só no tempo como na memória.

Por isso, é possível que o biógrafo trabalhe com episódios, “construídos em pequenos intervalos de tempo [...] dentro dos quais se possa evidenciar as dimensões do biografado. Não precisam ser cronológicos, numa seqüência que vá, por exemplo, do nascimento à morte” (VILAS BOAS, 2006, p.192). No entanto, os episódios podem ser completos em si mesmos e, às vezes, articuláveis com todos os outros.

O percurso que traz o passado para o presente é trabalho de memória em forma de narrativa que se apresenta como fato jornalístico.

O passado ao retornar ao presente do jornalismo é trabalho de memória: com que método se vincula à história ao jornalismo para lhe ser fiel? Que lembranças são ativadas, que lembranças são esquecidas? Qual sua utilidade no presente? Qual o sentido às datas,



números, nomes e acontecimentos quando atualizadas pelo jornalismo? [...], o sentido jornalístico vai desde lembrar o que não nos é permitido esquecer até lembrar para estar de acordo com as leis do mercado que comercializa e lucra com o passado envolto em nostalgia. (BERGER, 2005, p.68)

A modernidade, nesta perspectiva, inaugura um novo regime de memória, multiplicando os espaços de rememoração, que podem ser transitórios e até incompletos, mas “refletem o desejo de ancorar um mundo em crescente mobilidade e transformação e de compensar a perda de elementos mais sólidos e concretos que, antes, serviam de referência para os sujeitos” (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.3).

Segundo Pierre Nora (1989, p.18), os lugares de memória são locais construídos de forma material, simbólica ou funcional onde são misturados o coletivo e o individual, o sagrado e o profano, o imobilizado e o móvel. É onde guardamos signos de reconhecimento para lembrar, já que as mudanças aceleradas podem provocar o esquecimento dos elementos que fazem os indivíduos pertencerem a um grupo. A memória contemporânea é diferente da memória espontânea vivida nos rituais das sociedades tradicionais ou pré-modernas.

Por isso, as mudanças sociais aceleradas no mundo fazem com que a memória seja cada vez mais necessária. E as identidades, sempre em mutação, resultam numa sensação de insegurança e angústia. Nesse contexto, “a memória passa a ser fundamental, porque permite atribuir sentidos à realidade em meio à dispersão e à pluralidade” (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.4).

Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, a memória é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Michael Pollack (1992, p.5), por sua vez, define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se faz por meio da negociação direta com outros. “Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (ENNE e TAVARES, 2008 ,p.3).



Pollack (1992, p.7) demonstrou que toda memória pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Afinal são reconstruções, continuamente atualizadas e reconfiguradas. As memórias e as identidades são construções sociais e não objetos naturais, fatos que possam ser tratados fora da linguagem que as formulam e as dinamizam.

Sendo a memória e a identidade reconstruções, a narrativa biográfica é constituída basicamente a partir da reorganização de fatos que construíram a identidade biografada, assim como os relatos de outros personagens que aparecem durante a vida do biografado.

Biografias: reconstruções de identidades

Para a realização de uma biografia seria necessário lembrar-se de que o ser é constituído de várias identidades, como disse Stuart Hall (apud PENA, 2004, p.62), no caso do “indivíduo pós-moderno”³. O tempo, nesse caso, seria o fator mais importante já que o sujeito constrói e desconstrói sua identidade.. Afinal, o biografado foi ou é alguém que além do próprio ser que existiu (ou existe), teve (tem) uma imagem que seria sua representação como ser humano, assim como todos os outros indivíduos.

Dentro da imagem do indivíduo biografado estariam presentes várias facetas, sendo que algumas foram mais percebidas por certos tipos de pessoas e outras poucos as conheceram (ou conhecem). Tudo depende do tipo de relação que envolve o biografado com as pessoas mais próximas e também suas ações com reflexos para a sociedade de maneira geral.

Por isso, a relação entre biógrafo e biografado também dependeria do grau de conhecimento prévio que o pesquisador tem sobre o pesquisado, inclusive se eles se conheceram pessoalmente ou estão separados por épocas distintas. A escolha do personagem “envolve razões concretas, *insights*, associações livres, oportunidades, sincronicidades, sutilezas. Nada disso pode estar dissociado do *self* do pesquisador biográfico” (VILAS BOAS, 2006, p.29). Ou seja, a escolha do personagem a ser

³ Stuart Hall, no livro *A Identidade cultural na pós-modernidade* (1999), apresenta três concepções de identidade. A primeira relacionada ao sujeito do iluminismo (indivíduo centrado, unificado, dotado de razão e consciência), depois ao sujeito sociológico, que manteria sua essência, mas a identidade seria formada pela interação entre “eu” e a sociedade. E a terceira relacionada ao sujeito pós-moderno, que apresenta a identidade em mutação. Este último, seria composto de várias identidades, assumindo-as em diferentes momentos e nem sempre estariam unificadas em torno do “eu”.



biografado surge das necessidades do biógrafo como pesquisador e da empatia que ele tem com o biografado, seja por admiração ou crítica.

Os acontecimentos que foram vividos pelo biografado também foram os responsáveis para a reconstrução de sua identidade. Na busca do ser, o biógrafo vai se deparar com várias imagens de uma mesma pessoa, aquelas que estão em suas fontes documentais e as que dependem do exercício da lembrança. Mais especificamente neste estudo, o jornalista é o pesquisador que lida com as várias representações daquele mesmo indivíduo.

E essas representações podem chegar de várias maneiras ao biógrafo, dependendo dos tipos de fontes. Ou seja, são documentos (oficiais e não-oficiais), correspondências, fotos, diários, *clippings*, livros de memória e autobiografias, entrevistas de reconstituição e compreensão. Segundo o jornalista Sergio Vilas Boas (2002, p.55), elas podem ser fontes primárias (ou estáticas) e secundárias (ou dinâmicas). As primeiras são as que não dependem⁴ diretamente da memória do ser humano presente no momento da investigação, como documentos, correspondências, diários, entre outras. Já as segundas são as que necessitam diretamente do exercício de lembrança, da remontagem do passado. São as entrevistas (orais ou por escrito) feitas pelo biógrafo no presente do processo de captação.

Ainda segundo Vilas Boas, os documentos seriam as melhores fontes dentro das primárias por serem dos mais variados tipos como certidões, certificados, textos de jornais, etc. Assim como trazem informações que se tornaram públicas sobre seus personagens. Já as cartas, são uma forma de tentar desvendar a identidade tanto do remetente quanto do destinatário, principalmente se o biografado tiver muitas correspondências com um interlocutor em particular. E a linguagem é diferenciada de acordo com o grau de intimidade entre remetente e destinatário.

As autobiografias e memórias também seriam classificadas como fontes primárias, porque apesar de serem compostas por lembranças do biografado ou de terceiros, o lembrar não acontece no momento da pesquisa biográfica, por que já ocorreu antes. Sendo esta a diferença entre o relato autobiográfico e as entrevistas. Também é uma forma de expressão da consciência do biografado. Porém, tanto as entrevistas quanto os relatos autobiográficos são interferidos pela memória, ou seja, o

⁴ Segundo Marialva Barbosa muitos dos recortes do passado são articulados com o conhecimento do presente e por isso, esses recortes seriam apenas vestígios.



enfoque está relacionado a manipulações conscientes e inconscientes dos afetos, dos desejos, dos medos, das inibições, e por isso não seriam muito objetivos.

“As fontes secundárias são um exercício de lembrar. Mas lembrar não é viver, e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (de ontem ou de muitas décadas atrás)” (VILAS BOAS, 2002, p.64). Ao recordar o passado no presente, as imagens, que compõem a identidade, ganham contornos diferentes.

Para Diana Damasceno (apud PENA, 2004, p.50), que estudou os vários “eus” no processo biográfico, escrever biografias requer consciência do processo de “reinterpretar o passado como forma particular de construção, sujeito a variados desdobramentos, levando em conta que vidas podem ser entendidas como sistemas complexos”.

E se considerada como um sistema complexo, a vida não poderia se prender aos estereótipos sociais. Nos relatos de sua trajetória seriam buscadas a condição humana e as vivências de personagens reais. O que é o ser humano, a compreensão do que é o ser “é o foco em todo o tipo de matéria e em toda editoria de todos os jornais e nas revistas que publicam matéria de jornalismo Literário ou Narrativo, também presente em livros-reportagens, biografias e documentários audiovisuais” (LIMA, apud VILAS BOAS 2006, p.53-54). Por isso, a narrativa biográfica possibilita o encontro de muitas versões para a mesma vida.

O discurso biográfico reconstruído

Os caminhos que o discurso biográfico percorre está na busca de uma ou mais identidades do biografado. E também é um espaço de experimentação para que os jornalistas possam se aprofundar em uma forma diferente de se fazer reportagem e ao mesmo não estar preso aos moldes de um acontecimento factual. A obra escolhida para exemplificar esse estudo foi escrita por um jornalista com grande experiência em perfis biográficos, Ruy Castro, e conta a história da cantora e atriz Carmen Miranda. *Carmen, uma biografia*, foi publicada em 2005, ano em que se completava 50 anos de morte da biografada.



Essa biografia foi escolhida porque é uma reconstrução atual, de uma personagem que ainda vive no cenário mítico nacional e que também obteve sucesso no exterior enquanto viva. Também foi ou ainda é cercada de alguns estereótipos. A obra de Ruy Castro, assim como outros materiais biográficos já produzidos sobre Carmen Miranda podem ajudar a quebrar ou reforçar todos os mitos que envolvem uma das brasileiras (apesar de ter nascido em Portugal) mais famosas do século passado.

Já os motivos que levaram Ruy Castro a escolher “a pequena notável” como mais uma pessoa a ser biografada por ele, envolve também o seu método de trabalho como biógrafo. Em algumas entrevistas realizadas na época do lançamento da biografia, o jornalista declarou que buscava um personagem feminino e que escolheu Carmen Miranda por ela ser uma mulher, na opinião dele, à frente de seu tempo.

Depois do grande trabalho de apuração, com a reunião de muitos arquivos, entrevistas, fotos, e etc, o biógrafo deve decidir qual o caminho seguirá para narrar o que conseguiu de informação e mesmo assim, não será possível apresentar todas as informações que obteve. No caso de *Carmen, uma biografia* há a preferência por uma seqüência cronológica, divididas em capítulos que são separados por décadas ou anos e intitulados, geralmente, a partir de alguma expressão que em algum momento de sua vida foi usada para referirem-se a ela, como por exemplo o capítulo 12, “1939 – Brazilian bombshell” ou o capítulo 6, “1934-1935 – A pequena notável”. Esse tipo de escolha talvez se deva ao fato de Carmen Miranda ter recebido muitas denominações, titulações e rótulos durante a vida e Ruy Castro talvez as tenha aproveitado no intuito de assim separar a vida dela em episódios, apesar de ter seguido a cronologia de vida por quase todo o tempo.

São muitas as possibilidades que ele teve ao longo das reconstruções que poderia fazer sobre a vida de Carmen Miranda. No entanto, a narrativa dos acontecimentos da vida de sua biografada é o que ele experimentou ao tentar reconstruir o que ela viveu. Por exemplo, em sua apuração, Ruy Castro foi a Portugal visitar o lugar onde a cantora nasceu e viveu por pouco tempo até vir para o Brasil. A visita funciona como uma peça importante para a narração do nascimento de sua personagem, assim como o surgimento do nome com o qual ficaria famosa.

Maria do Carmo nasceu às três horas da tarde de um inverno gelado, no sobrado de pedra composto de um térreo e de um andar, com chão de terra batida, sem luz e sem água, em que seus pais moravam de



favor. Nasceu de bruços – donde, como rezava a superstição, seu pai pensou que fosse um menino. (A superstição dizia também que mulher que nasce de bruços é estéril). [...] Normalmente, as Marias do Carmo portuguesas tornavam-se apenas Carmo. Mas Amaro, irmão de Maria Emília [mãe de Carmen] e eventualmente também barbeiro, era boêmio, tocava violino e cantava – talvez nunca tivesse ouvido falar em Prosper Mérimée, mas sabia uns tostões de ópera e, ao ver a pequena Maria do Carmo, “morena como uma espanhola”, associou-a à então popularíssima *Carmen* de Bizet. O apelido pegou em família, e Maria do Carmo tornou-se, para sempre, Carmen (CASTRO, 2005, p.12).

Ou seja, ele teve acesso a materialidade de um lugar por onde ela passou, mas não pode saber exatamente como ela nasceu e por isso, reconstrói a cena. Depois dessa descrição inicial, os passos de Carmen e sua família continuam a ser seguidos para mostrar como ela e sua família viveram os primeiros anos aqui no Brasil. O relato da infância e da adolescência de Miranda apresenta já os traços de que ela poderia vir a ser famosa mais tarde. A busca do biógrafo no discurso são pelos caminhos que a levaram ao sucesso e quando a personagem o alcança, a narrativa deixa entrever a expectativa de que a fama poderá chegar a um patamar mais alto.

No entanto, esse tipo de escolha, tão comum à maioria das biografias, não exclui outras facetas da cantora durante a narrativa. A personagem, na maior parte das vezes alegre, também se mostra angustiada com alguns aspectos de sua vida que não consegue resolver completamente, como por exemplo, a falta de filhos e o casamento infeliz. Mas mesmo em seus últimos momentos de vida há o reforço da imagem da alegria, pois segundo Castro, a morte dela teria sido perfeita para não abalar a alegria alheia, ou seja, a das visitas que ainda estavam em sua casa, mas que ignoravam a anfitriã morta em seu quarto.

Carmen entrou em seu quarto, tirou o *tailleur* e vestiu um robe. Acendeu um cigarro, deu uma tragada, deixou-o no cinzeiro. Foi ao banheiro para retirar a maquiagem, usando *cold cream* e um lenço de papel. Na volta, no pequeno hall entre o banheiro e o quarto, onde ficava sua coleção de perfumes, o ar lhe fugiu de novo, as pernas lhe faltaram, e Carmen caiu pela última vez – ali mesmo, com um espelho na mão. Uma oclusão de coronárias fizera explodir uma vasta área do seu coração – um infarto maciço.

[...] De todos os seus contratos de trabalho devia constar secretamente essa cláusula, garantindo que ela viera ao mundo para espalhar tal alegria. Carmen a cumpriu até o derradeiro show. E esperou cair a cortina para poupar a platéia, por menor que fosse, de uma cena tão pouco Carmen, tão fora do seu estilo (CASTRO, 2005, p.546).



O trecho acima, aliás, é o último parágrafo do último capítulo. Para completar a obra, Castro escreve um epílogo contando sobre o velório e o enterro de Carmen no Brasil e o destino de seus bens, inclusive a grande quantidade de fantasias e adereços confeccionados ao longo dos anos de carreira.

Se a vida pode ser considerada como um sistema complexo com muitos desdobramentos, o biógrafo também sabe que o que escreveu sobre sua personagem não é uma verdade absoluta, já que ele não pôde experimentar o tempo como a personagem o vivenciou assim como o resgate que foi feito por ele é apenas uma das maneiras de se chegar aos fragmentos do que ela foi. São como nossas lembranças que são reconstituídas apenas parcialmente.

No entanto, essa biografia de Carmen Miranda pode ser considerada um espaço de rememoração não apenas do que foi a vida e obra dela, como do contexto do mundo artístico da época em que ela viveu a um nível nacional e internacional, já a personagem passou por lugares míticos da vida artística como a Broadway e Hollywood, ou no Brasil, no Cassino da Urca. Poderia ser considerado como a rememoração que tem a possibilidade de quebrar alguns estereótipos tanto de Carmen, quanto dos meios artísticos frequentados por ela.

Nessa biografia, por mais que ao longo da obra, Carmen Miranda seja mostrada como irreverente, moderna para sua época e muita disposta para o trabalho e para a vida., Ruy Castro conseguiu percorrer alguns dos caminhos que ela fez e mostrou que ela pode ter sido tudo isso, mas que também pode ter experimentado outras emoções das quais, que são muito íntimas e nem sempre de fácil acesso.

Algumas considerações finais

O passado é construído a partir de fragmentos, das lembranças, das interpretações e não pode ser acessado em sua totalidade, mas o jornalista como reconstrutor da realidade oferece a sua interpretação dos fatos que apurou tendo-os presenciado ou não. Nesse sentido, o discurso biográfico produzido por ele, pode trazer somente pedaços do que foi ou é uma vida. No entanto, mesmo assim, é possível se aproximar de uma história de vida e a partir daí criar relações de continuidade com a memória que é construída socialmente.



O processo biográfico, utilizando recursos jornalísticos, ganha aspectos importantes porque a realidade comunicacional tem mudado bastante através do mundo globalizado, das redes de informações e do saber fragmentado. Sendo assim, hoje também é possível contar com mais recursos para se chegar às fontes e às informações sobre o biografado. Mas ao mesmo tempo, com os dados sendo atualizados a todo o momento, pode ser que se torne difícil manter um controle sobre o que pode ou não ser confirmado durante a apuração do biógrafo.

Portanto, para a reconstrução das mais variadas identidades que uma pessoa pode ter, a alternativa é que o relato da vida se fragmente assim como a memória. A busca de facetas que podem estar obscuras e uma posição menos enfática ao que já é um consenso geral pode ajudar a resgatar uma imagem que não é conhecida do biografado.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. Medios de comunicación e conmemoraciones: estratégias de reactualización y construcción de la memoria. **Signo y pensamiento**: revista da faculdade de Comunicação da Universidade Javeriana, Bogotá: Ed. Javegraf, n.39, p.104-112, 2001. Disponível em: <<http://www.javeriana.edu.co/signoyp/pdf/3911.pdf>> . Acesso em 14 set. 2008.

_____. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Galáxia**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo: Ed. Educ, n.12, p.13-26, dez.2006. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/galaxia/article/view/3471/3272>>. Acesso em 15 set. 2008.

_____. **Jornalistas, senhores da memória?**. Disponível em: <<http://en.scientificcommons.org/14913948>> . Acesso em 15 set. 2008

_____. ; RIBEIRO, Ana Paula G. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Disponível em: <<http://en.scientificcommons.org/14920734>>. Acesso em 16 set. 2008.

BERGER, Christa. Proliferação da memória: A questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal, MOREIRA, Sônia V. (Orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Ed. Intercom, 2005. p.60-69

“CARMEN Miranda me fez voltar atrás quanto a não escrever mais biografias. Era irresistível como artista, como mulher e como personagem” - Ruy Castro. **Resenhando**: o seu site cultural. Ago. 2006. Disponível em: <http://www.resenhando.com/rg/rg2506.htm>. Acesso em 23 out. 2008.

CASTRO, Ruy. **Carmen**: uma biografia. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2005.

ENNE, Ana Lúcia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Fronteiras: estudos midiáticos**, revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da



Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo: Ed. Unisinos, v.6, n.2, p.101-116, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3095/2905>. Acesso em 17 set. 2008.

_____.; TAVARES, Cristiane. **Memória, identidade e discurso midiático**: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <http://www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/docs/memoria2.doc>. Acesso em 17 set. 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Ed. Manole, 2004.

NORA, Pierre. **Between Memory and History**: Les lieux de mémoire. Disponível em: <http://www.stanford.edu/dept/german/courses/nora.memory.pdf>. Acesso em: 20 set. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: revista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro: Ed. FGV, v.5, n.10, p.1-15, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 24 set. 2008

RESENDE, Fernando. **Textuações**: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. São Paulo: Ed. Annablume; Fapesp, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula G.; BRASILIENSE, Danielle R. “A matança dos inocentes”: questões de memória e narrativa jornalística. **UNIREVISTA**: revista eletrônica da Universidade do Vale dos Sinos, v.1, n.3, p.1-12, jul.2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIREV_GoulartBrasiliense.pdf. Acesso em 17 set. 2008

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo social**: revista do departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: Ed. USP, v.12, n.1 p.201-218, 2000. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol12n1/a%20midia.pdf. Acesso em 15 set. 2008

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

_____. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. 207f. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção de Título de Doutor em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.